



Maria Clementina Pereira Cunha, **Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Diálogo da folia

Professora da Unicamp leva o carnaval a sério. E o que é melhor: sem ser chata.

por T T Catalão

A história social do carnaval carioca, entre 1880 e 1920, está no livro *Ecos da Folia*. A obra nasceu sob um certo rigor acadêmico, mas não perdeu a ginga sobre o objeto tratado: a farra popular. A diferença está na amplitude que uma festa coletiva pode ter para melhor percebermos a tal “alma brasileira”. Maria Clementina Pereira Cunha recebeu edição de bom trato — da Companhia das Letras — para o seu enredo: é uma visita crítica e humorada da festa que tem muito a revelar além das aparências.

A professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, põe seu bloco na rua sem atravessar. Não cai no ranço mais comum dos “analistas populares” — os que vivem sob viés ideológico prejudicial ao relato. O livro escapa daquela recorrência doutrinadora sempre afoita para provar alguma coisa. Aí, o destaque do trabalho de Maria Clementina: é fiel aos fatos sem perder a delícia de crônica. Tem perspectiva histórica sem perder o foco em casos, figuras e detalhes que avivam a narrativa e o melhor, consegue mostrar um panorama reflexivo do país no evento carnaval. E não chateia!

A paraense Eneida, a que jogou o primeiro confete analítico sobre a folia em seu primoroso *A História do Carnaval Carioca*, chegou a se defender contra a ironia de um certo “escritor arrogante” que a desqualificava estupidamente por não ser carioca (ela enquadrou o sujeito como alguém que “acha que antes dele ninguém existiu, junto dele ninguém mais existe, e depois dele ninguém existirá”). Eneida reconhecia traçar os primeiros passos de um tema absolutamente complexo como o carnaval.

Tivemos o senso crítico de *A Subversão pelo Riso*, de Rachel Soihet (Ed. FGV), e agora este *Ecos*. No pensar de Maria Clementina, usa-se o carnaval para “chegar perto de tensões e diálogos entre sujeitos que nem sempre estão reconciliados sob o reinado de Momo”. Na farta pesquisa da autora — o livro vem com belo encarte iconográfico para dar concretude ao texto — estão “documentos, passando por literatura, relato de viajantes, legislação, manuscritos de polícia, estatutos de agremiações foliãs e a imprensa carioca”, como escreve na introdução. “Busquei um intervalo relativamente longo de tempo em que limões-de-cheiro e outros folguedos do entrudo, desfiles de Grandes So-ciedades, cordões, ranchos, blocos, zé-pereiras e muitas outras modalidades festivas conviviam nas ruas durante os dias da folia, disputando espaço, afirmando diferenças e construindo harmonias possíveis e transitórias, em memoráveis embates carnavalescos cujos significados procuro compreender”, continua.

Dividido em quatro capítulos, percebe-se no livro a permanente intervenção da autora para relacionar e conotar fatos isolados em um conjunto lúcido de raciocínio: o carnaval tem mais a ecoar na história do que a simples festa. No primeiro capítulo, *Você Me Conhece?*, são inventariadas as práticas da brincadeira foliã. O segundo, *Batalhas Sem Confete*, mostra a luta “europeizada” contra a arruaça do entrudo.

* Correio Braziliense, 29 de abril de 2001.